

Arte gravada em rodinhas, rodelas e rodões

Rodinhas, rodelas e rodões, as arruelas vão-se distribuindo pela superfície da chapa metálica, comunicando o propósito do artista e dando forma às suas configurações; o papel branco torna-se um ser vivo e adquire o espaço como dimensão. Trata-se de José Lima, Assessor de Artes Plásticas do Ministério de Relações Exteriores (Departamento Cultural) e ganhador do Prêmio Esso de Gravura de 1968, cuja exposição individual será inaugurada hoje, às 21 horas, na Galeria Tenreiro.

— Gostaria de ter sido escultor, se não fizesse gravura. E pegar uma chapa, deixar no ácido e rebaixar a linha já é uma forma de escultura — diz, informando que considera sua fase atual, em que joga com o relêvo, uma verdadeira escultura de parede, além de constituir a conquista de um campo novo em suas pesquisas: o espaço, esta dimensão alcançada a partir de um plano do qual se parte.

VÁRIOS CAMINHOS

Segundo José Lima, os caminhos do artista podem ser

tão variados como as faces com que se chega a uma verdade. Mas nessa busca, será sempre imprescindível deixar o testemunho de uma marca pessoal, uma chancela, algo que garanta ser trabalho próprio.

— Se em mais de 500 trabalhos, por exemplo, sem entrar no mérito da obra, alguém reconhecer o seu, você realmente é um artista — declara citando uma frase de Ivan Serpa, com quem estudou pintura: — Nunca esqueci o que ele disse e sempre fiz questão de não copiar ninguém.

Para ele, quem não pesqui-

sa morre como artista, fica sem nada para dar. Expressa ponto de vista próprio a respeito:

— Fazer pesquisa não é agir de acordo com o que está na moda em outros países, ou conforme a pintura do país que está na moda. É procurar dentro de si, evoluir, não copiar "ismo" sem significação para nós. Aliás, esse é um grande mal na pintura brasileira de agora. Muita gente imitando a pesquisa pop dos Estados Unidos e soltando baratas vivas, ou outros bichos, depois da Bienal, sem que isso representasse, efetivamente, sua evolução artística pessoal.

EROTISMO

Sua fase atual classificada como erótica, José Lima conta que a beleza do corpo o vem interessando de há muito:

— Não é de hoje que a temática me fascinava. Mas

agora é quase impossível você não aceitar o apelo. O erotismo está em tudo, na literatura, no cinema, na propaganda, num chamamento ao sexo que se amplia cada vez mais".

Contudo, o artista também se comove com a beleza de um grão de café ou com as formas geométricas: — Através de uma experiência concretista, num grupo formado por Ivan Serpa, Lígia Clark, Lígia Pappi, entre outros, descobri que a abstração organizada era meu clima, isto é, o abrandamento das formas geométricas criando uma espécie de neo-concretismo".

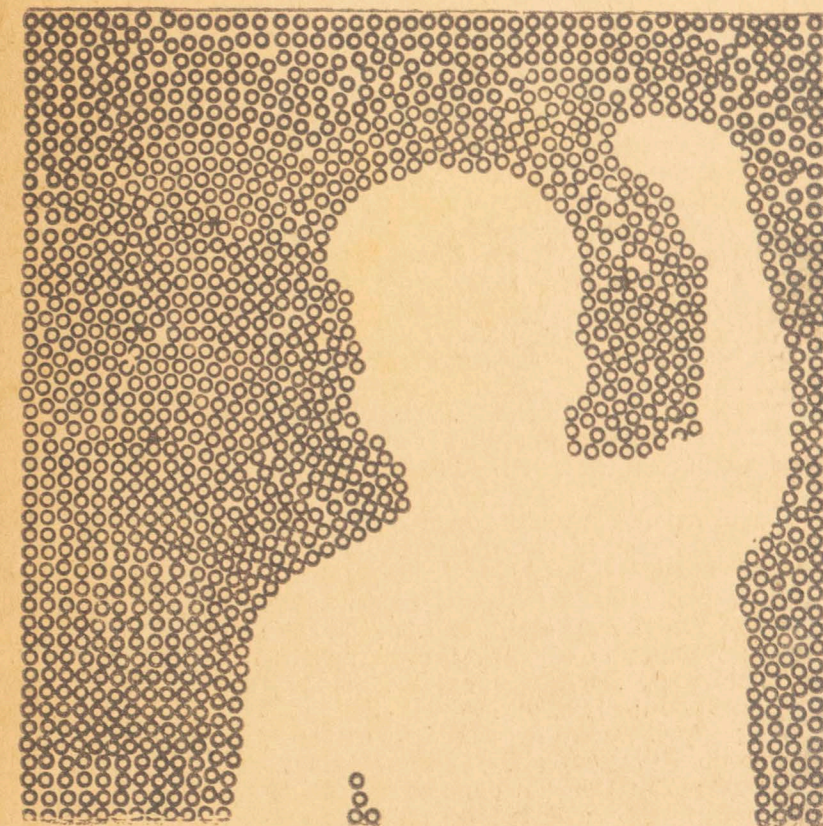
Segundo diz, faz questão de não se filiar a nenhuma escola, permanecendo livre para evoluir: — O artista tem que criar para si, sem se incomodar com a aceitação ou não daquilo que produz. Não importa ficar na moda, o essencial é ser verdadeiro, comunicar".

CORES

Para muitos artistas a cor é elemento essencial em seus trabalhos, incorporando-se à obra como elemento de composição. No caso de José Lima, o colorido em geral só acontece depois da chapa metálica pronta, na fase de copiar:

— Trabalho cerca de dois dias para preparar a matriz de uma gravura. Antes, imagino-a inteira, pensando bastante nela antes de desenhar o que criei. Depois vem a fase da execução, o trabalho do ácido no metal, a paciência da espera, até o prazer de dar o trabalho como pronto. Então passo à cor, mas gosto sempre de tirar a primeira cópia em branco, só depois sentindo a tonalidade que deverei usar. Aliás, neste particular, sou como todo artista, tenho minhas cores preferidas: sépia, terra de sena e branco".

Gravador desde 1953 (começou com ilustrações para os livros de que gostava mais,



A beleza da forma do corpo humano fascina o artista. Seus trabalhos atuais refletem esta fase erótica.

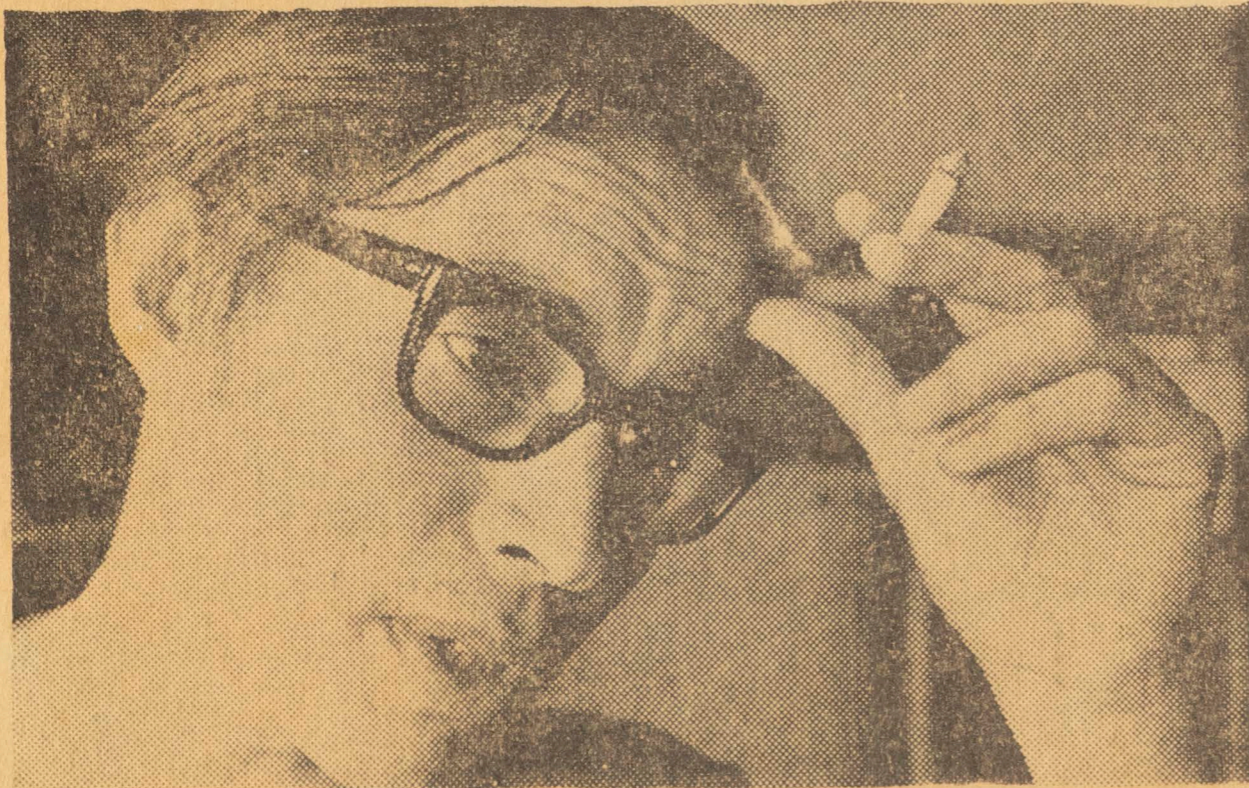
em caráter amadorístico) José Lima já recebeu importantes premiações: 1.º Prêmio do Salão de Arte Moderna do Rio, em 1958, 1.º também no Salão de Abril, em 1966; em 1967, no Canadá, juntamente com Miró e Pasarelli, além do Esso de Gravura, este ano Também tem trabalhos integrando museus e coleções particulares no estrangeiro e, convidado, acaba de enviar cinco trabalhos para a Bienal de Florença.

CRÍTICA

Artista estudioso, considerado sério e de vanguarda pela crítica, José Lima diz que, a seu ver, "a função da crítica é penetrar na obra que o artista criou e orientá-lo quanto a os seus erros". Explica: — Mas no meu caso pessoal gostem ou

não gostem, crítica e público, trabalho de acordo com o que quero fazer. A opinião dos outros não me importa muito, porém não gosto de expor o que fiz".

Trabalhando como Assessor de Artes Plásticas do Ministério de Relações Exteriores, Departamento de Cultura, José Lima relata que, se pudesse, viveria unicamente de sua arte: — Embora alguns artistas brasileiros já possam viver exclusivamente de seu trabalho, eu morreria de fome se tivesse que viver só do meu. Nem sempre a gente vende muito, as tiragens são pequenas e há épocas que os compradores desaparecem". A despeito disso, brinca que se tivesse que começar tudo de novo "ia morrer e nascer gravador outra vez".



Quem não pesquisa acaba como artista — diz o gravador José Lima, acrescentando que a arte não pode ser gratuita

O jornal 4-12-68